

Discurso de posse no Instituto do Ceará de José Henrique de Almeida Braga

Boa noite a todos!

Caros familiares, amigos, autoridades presentes, confreriras, confrades e distinta mesa-diretora, que na pessoa de seu presidente, Júlio Lima Verde Campos de Oliveira, saúdo os demais membros, e servidores diretos e indiretos dessa centenária instituição cultural, o Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico, também conhecido como a “Casa do Barão de Studart”. Este panteão se distingue, reconhece e acolhe estudiosos e pesquisadores, em gerações que se sucedem, dedicando-se à busca do conhecimento e à divulgação da rica cultura cearense.

Apresentando-me aos presentes: sou fortalezense, com formação em Arquitetura e Urbanismo e pós-graduação em Gestão de Tecnologia da Informação. Em minha trajetória profissional exerci atividades como profissional liberal, fui arquiteto no governo do estado do Ceará e, desempenhei funções de gestão nos Correios e Telégrafos, onde ainda trabalho na elaboração de projetos de arquitetura e urbanismo. Desde a minha juventude, a leitura tem sido importante vetor de minha formação intelectual, complementada pelo magnetismo dos relatos de exímios contadores de histórias, como por exemplo: meu pai e o mestre Juarez Leitão, cujos causos de fatos urbanos ou históricos me atraíram para a pesquisa. Na antiga “Turma do Sábado”, na Sociedade Cearense de Geografia e História, na Sociedade dos Amigos da Marinha do Ceará, no Instituto do Ceará e nas rodas da vida, passei a conhecer e conviver com pessoas possuidoras de rico conhecimento que contribuíram e contribuem para a ampliação dos meus. O amadurecimento cultural levou-me à publicação de um interessante livro sobre a Segunda Guerra Mundial no Ceará; trabalho árduo de pesquisa, que só aumentou meu entusiasmo e me fez seguir em frente na direção de outros desafios editoriais a se realizarem.

O processo de renovação do quadro de associados-efetivos tem previsão estatutária e é mandatória prática de “oxigenação”, e reconhecimento de estudiosos e pesquisadores que são indicados e eleitos para compor tão seleta confraria cultural. Além de representar ímpar reconhecimento

aos associados, recai também sobre os mesmos a responsabilidade e o compromisso de cumprir e honrar os propósitos do Instituto. Nesse processo de renovação, estou assumindo a vaga anteriormente ocupada por **Affonso Taboza Pereira**.

Natural de Itapajé-CE, Affonso Taboza Pereira seguiu carreira militar no Exército brasileiro, tendo ingressado na Escola Preparatória de Fortaleza e, posteriormente, cursado a Academia Militar das Agulhas Negras. Logo após concluída sua formação naquela academia, concluiu em 1966, o curso de Fortificação e Construção no Instituto Militar de Engenharia. Após a promoção à patente de capitão, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais para prepara-se e habilitar-se a comandar Organizações Militares do Exército, e a integrar o seu Estado-Maior. Após carreira como oficial superior, retirou-se do Serviço Ativo, no posto de Coronel.

Em sua trajetória militar serviu como subalterno do 2º Batalhão de Engenharia de Construção, em Teresina-PI; foi destacado na 1ª Companhia de Construção, em Campo Maior-PI; foi estagiário em missão junto ao Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos, e Chefe da Comissão Regional de Obras da 10ª Região Militar.

Na área civil, fundou empresas com atuação no mercado de construção e no ramo de alimentação. Foi membro do Conselho de Assuntos Legislativos da Confederação Nacional da Indústria (CNI); presidente do Conselho de Assuntos Legislativos da FIEC; diretor da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC); diretor do Centro Industrial do Ceará; vice-presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Ceará (SINDUSCON) e conselheiro do Contencioso Administrativo Tributário do Estado do Ceará.

Tomou posse no Instituto do Ceará em 8 de março de 2013, ao mesmo tempo que os confrades Lúcio Gonçalo de Alcântara e Juarez Fernandes Leitão, sendo na ocasião, saudado pelo sócio efetivo Ednilo Gomes de Suarez.

Elaborou trabalhos sobre pavimentação asfáltica de estradas e aeroportos, quando estagiário no Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos. Publicou os livros: Ventos da fortuna (2006), Um bacamarte chamado Canário (2010), Caprichos do destino (2014) e 1964: As Forças Armadas e a Redenção do País (2017). Escreveu artigos em jornais sobre Economia Política e Participou da Revista do Instituto do Ceará – Edição

2014, com o artigo “Centenário do General Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira”. Affonso Taboza Pereira desligou-se do corpo de associados efetivos em atenção a conveniências pessoais.

Nos idos do segundo império, em 21 de outubro de 1838, em reunião realizada na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, entidade precursora da Federação das Indústrias, foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Este Instituto tinha o propósito de “promover agendas de investigação e produção de relatórios científicos sobre as diversas regiões que integravam a nação, visando assim a uma maior compreensão da complexidade brasileira e à produção de uma identidade cultural, social e política do País”. Entidade pioneira nos estudos históricos e geográficos, o IHGB teve na pessoa do Imperador Pedro II um de seus frequentadores e seu “protetor”.

Décadas após a fundação do IHGB, foram sendo criadas instituições congêneres nas províncias do Império, sendo o Instituto do Ceará a terceira instituição provincial mais antiga.

Foi criado em 1887 por 12 sócios fundadores, sendo o primeiro presidente o desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca. A “Casa do Barão” como também é conhecido o Instituto do Ceará, é uma referência ao Dr. Guilherme Chambly Studart, um dos sócios fundadores. Era médico, dedicado estudioso e historiador do Ceará, grande benemérito e presidente perpétuo do Instituto. Foi membro de várias sociedades culturais e científicas no Brasil e no estrangeiro. Dedicou-se à assistência dos enfermos “desassistidos da fortuna”, e por mais de 40 anos foi presidente do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo em Fortaleza. Foi agraciado em janeiro de 1900 com o título de Barão pela Santa Sé, em reconhecimento aos “relevantes serviços prestados à causa da Igreja no Ceará”. Desde lá, em abnegado serviço, seguidos presidentes tem conduzido a gestão dessa casa devotadamente, sendo merecedores do nosso reconhecimento e irrestrito apoio, que em nome dos quais, merece a nossa reverência o atual presidente Júlio Lima Verde Campos de Oliveira

Das pedras do Apodi às pedras da Ibiapaba; das pedras do Araripe à pedra furada do Serrote, atualmente conhecido como Jericoacoara delimita-se o Siará Grande, das velhas capitanias, cuja territorialidade já foi alterada e ainda continua, em desnecessário litígio. Com belo litoral de areias brancas

e verdes mares, tem o clima com predominância semiárida. Periodicamente, essa terra é assolada pelas secas, fenômeno climático que provoca privações e sofrimento ao povo, e que desde o século XIX uma “diáspora” migratória, leva para outras plagas, cearenses tangidos pela inclemência das fortes estiagens, e por questões agrárias e pela pobreza no campo.

Apesar das limitações agrícolas e pecuárias devido às características climáticas da terra alencarina; as charqueadas, o cultivo e o benefício do algodão, do café e da carnaúba, trouxeram ciclos econômicos que fizeram surgir riquezas e fortunas por certo período. Crescia também a atividade comercial e de serviços, com a presença de migrantes nacionais e estrangeiros, trazendo novas competências e progresso. Além das rotas da produção interiorana, havia ainda os portos e entrepostos marítimos no litoral, como portas de entrada e saída nas relações comerciais da terra. Ao longo de muitas décadas, investimentos e tecnologias foram sendo implementados, ensinando ao povo do Ceará a conviver com a seca e não a combatê-la, trazendo assim novas perspectivas e oportunidades de melhoria para a prosperidade.

Desde então, aos que ficaram sob a forja das periódicas inclemências climáticas, juntaram-se irmãos e irmãs, provenientes de outras regiões nacionais e até do exterior, adotando esta terra como se fosse sua, construindo vários momentos de transformações que impactam os escritos da História, Geografia e Antropologia do Ceará.

Nesse esteio, o estudo dos fatos, datas e personalidades relevantes e significativas do Ceará, atrai aquelas e aqueles vocacionados, cuja dedicação e convergência de propósitos fez nascer esse relevante silogeu em 1887. Desde sua criação pelos 12 pioneiros fundadores, a renovação do quadro de associados do Instituto do Ceará, agrega novos talentos para a produção e a divulgação de experiências culturais, comprometidos também com a ampliação e os cuidados com o acervo, a manutenção das instalações e a execução dos programas dessa magnífica casa de saberes e conhecimento. O avanço do tempo trouxe inovações tecnológicas para os quais devemos nos adaptar e tirar o melhor proveito.

Há poucos dias, no lançamento de livro da congreira Grecianny Cordeiro, o apresentador da autora e da obra, homem sensível lapidado nas coisas do teatro, citou frase impactante de autoria do dramaturgo romeno Eugène Ionesco, que nos remete a forte reflexão. Dizia assim a frase:

“Queremos ser do nosso tempo, é já estarmos ultrapassados.”

Amparados nos fatos e acontecimentos do passado e do presente, é preciso vislumbrar tendências, oportunidades, e não se limitar a meros registros de tabelionato cultural. Sem dúvida, um desafio para cada um de nós.

Venho hipotecar meu agradecimento aos distintos paraninfos que, com suas fianças culturais à minha pessoa para ocupar a vaga de sócio efetivo, trouxeram-me a confiança e a segurança tão necessárias, para prosseguir no certame eleitoral. Entre os gregos antigos, “paraninfo era o amigo do noivo, que ia com este buscar a noiva”. E assim, não só um, mas três paraninfos me conduziram até essa bela e almejada noiva, o Instituto do Ceará.

Augusto César Bastos Barbosa, empresário e inquieto pesquisador da surpreendente arqueologia subaquática cearense, é paraninfo em dose dupla. Incentivou-me e apoiou minhas candidaturas, desde para sócio colaborador. O Dr. Eurípedes Chaves Júnior, distinta pessoa, cujos conhecimentos culturais e lhanza no tratar e servir remetem ao teor do seu DNA, uma preciosa herança genética. E, Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, um paraninfo “honoris causa”, cujo apelido foi cunhado pelo Emílio Hinko. Pesquisador e guardião da memória iconográfica cearense, abriu sua casa para mim e a muitos outros pesquisadores, escreveu o prefácio do meu primeiro livro e segue como perene referência para os que estudam as datas, fatos e personalidades da História do Ceará. Renovo ainda o meu muito obrigado pelo apadrinhamento anterior, ao mestre dos bancos acadêmicos, Delberg Ponce de Leon e ao Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva.

Não posso olvidar, o apoio hipotecado pelos associados à minha candidatura no certame anterior e no último que se realizou, agradecendo a todos, com a certeza da amizade e do merecimento, na pessoa do Dr. Osmar Diógenes, que descobri ter relações de amizade com os meus avós e pais. Também agradeço o reconhecimento pelo Conselho de Mérito, ao referendar o meu nome para tão digna honraria. No desafio do bom combate, louvo a magnífica condução do processo de escolha e referendo, com a precisa observância dos procedimentos regimentais pelo presidente e pela Comissão Eleitoral. Ao final do processo de apuração dos votos, recebi gentil ligação telefônica com a

proclamação informal do resultado, que para mim fora acima do esperado. Nessa ocasião, recebi os cumprimentos dos confrades presentes aos trabalhos de apuração, confirmando para meu gáudio, o mérito e a receptividade do meu nome. Sinto-me muito honrado nessa cerimônia de posse como sócio efetivo, e como recipiendário dessa nova honraria procurarei manter o compromisso que assumi desde a minha posse como sócio colaborador em 11 de janeiro de 2023, como se fosse na ocasião, do mesmo tamanho do de um sócio efetivo.

Agradeço as graças e bençãos recebidas dos céus ao longo dos anos, e dedico esse momento aos meus pais Otávio e Célia, aqui representados pelos meus irmãos e irmãs; a minha esposa Mônica, aos meus filhos Mariana e José Otávio e minha nora Larissa.

Encerro minhas palavras, solfejando trecho da música “Tocando em frente”, de Almir Sater:



*Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei.
Muito obrigado.*

“ Seja a mudança que você quer ver no mundo ”

MAHATMA GANDHI

(Discurso proferido em sessão de posse em 27 de junho de 2024)